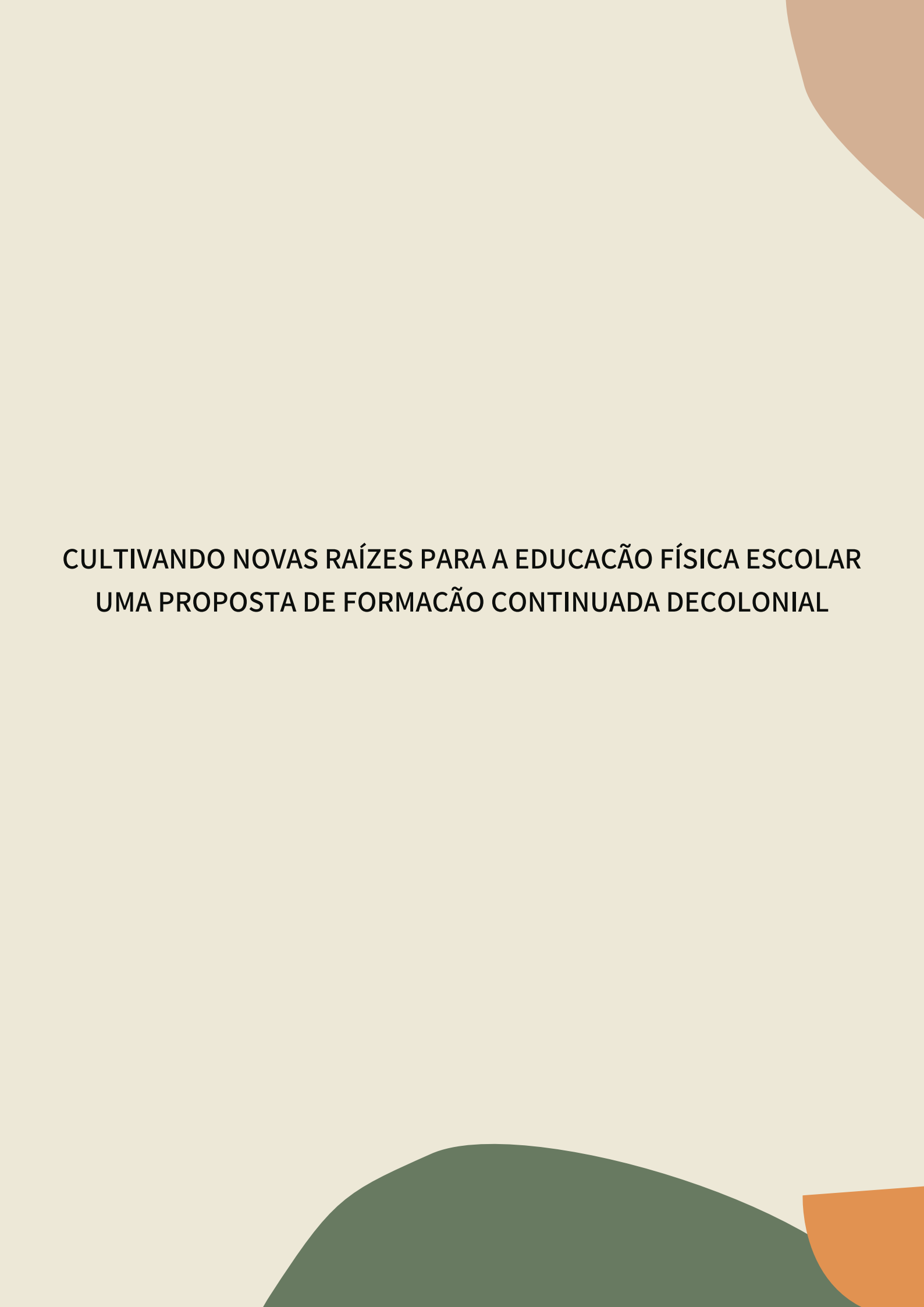


CULTIVANDO NOVAS RAÍZES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DECOLONIAL



KORINE CARDOSO SANTANA
ALDIERIS BRAZ AMORIM CAPRINI



**CULTIVANDO NOVAS RAÍZES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DECOLONIAL**

**Korine Cardoso Santana
Aldieris Braz Amorim Caprini**

**Cultivando Novas Raízes para a Educação Física Escolar
Uma proposta de Formação continuada Decolonial**



Vitória, ES 2024

Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
R. Barão de Mauá, nº 30 – Jucutuquara
29040-689 – Vitória – ES
www.edifes.ifes.edu.br | editora@ifes.edu.br

Reitor: Jadir José Pela
Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitora de Ensino: Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitor de Extensão: Lodovico Ortlieb Faria
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: André Romero da Silva
Coordenador da Edifes: Adonai José Lacruz

Conselho Editorial

Aline Freitas da Silva de Carvalho * Aparecida de Fátima Madella de Oliveira * Eduardo Fausto Kuster Cid * Felipe Zamborlini Saiter * Filipe Ferreira Ghidetti. * Gabriel Domingos Carvalho * Jamille Locatelli * Marcio de Souza Bolzan * Mariella Berger Andrade * Ricardo Ramos Costa * Rosana Vilarim da Silva * Rossanna dos Santos Santana Rubim * Viviane Bessa Lopes Alvarenga.

Revisão de texto: Projeto gráfico: Diagramação: Capa: Imagem de capa: Maria Elisaudia de Almeida Pereira Korine Cardoso Santana Korine Cardoso Santana Korine Cardoso Santana Canva. Imagem de Livre Acesso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário(a) responsável: <inserir> – CRB <inserir>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S232c Santana, Korine Cardoso.
Cultivando novas raízes para a educação física escolar [recurso eletrônico] : uma proposta de formação continuada decolonial / Korine Cardoso Santana, Aldieris Braz Amorim Caprini. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2024.
38 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-927-6 (E-book)

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Professores – Formação. 3. Relações étnico-raciais. 4. Educação – Estudo e ensino. 5. Humanidades. I. Caprini, Aldieris Braz Amorim. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 796.07
Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

DOI: 10.36524/978-85-8263-927-6

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil.





SOBRE OS AUTORES



Korine Cardoso Santana

Korine Cardoso Santana é professora de Educação Física da Rede Pública Estadual do Espírito Santo, licenciada pelo Centro Universitário Católico de Vitória e Mestra em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo.



Dr. Aldieris Braz Amorim Caprini

Aldieris Braz Amorim Caprini é docente-pesquisador do Instituto Federal do Espírito Santo, Pós-Doutor em Educação pela USP, Doutor em Educação (Currículo) pela PUC/SP, Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e Licenciado em História pela Faculdade São Camilo/ES.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	4
1 O GRUPO E A PROPOSTA.....	8
2 RECORDANDO AS ORIGENS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
3 ENXERGANDO PELA ÓTICA LATINO-AMERICANA.....	17
4 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.....	20
5 SEMEANDO NOVAS RAÍZES.....	29
6 AVALIAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	37



PREFÁCIO

O presente *E-book* é fruto da pesquisa de mestrado profissional intitulada "Educação Física Escolar e Relações Étnico-Raciais: diálogos sobre a Formação Continuada de Professores a partir da ótica Decolonial" do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e linha de pesquisa "Formação de Professores", do Instituto Federal do Espírito Santo. O objetivo final do estudo foi elaborar um Produto Educacional voltado para a formação continuada de professores de Educação Física.

Seu conteúdo foi pensado para conceber um percurso formativo reflexivo acerca da constituição do componente curricular com base na epistemologia Decolonial, bem como para discutir a questão das Relações Étnico-Raciais na Educação Física Escolar. Sua elaboração foi inspirada nos diálogos com professores e professoras de Educação Física da Rede Pública Estadual do Espírito Santo, localizados(as) no município de Vitória, que participaram desta pesquisa.



No título, a relação do "cultivo" com a Educação Física advém da obra de Carmen Lúcia Soares, chamada "Educação Física: raízes europeias". Nesse sentido, ainda que saibamos a profundidade das questões eurocêntricas, compreendemos as potencialidades de ressignificação do fazer pedagógico por meio da reflexão e da revisão epistêmica. Acreditamos que o diferencial desta proposta é o olhar fundamentado no Decolonialismo, pensando-se a partir da especificidade da Educação Física para, assim, enraizar um componente curricular antirracista, plural e equânime. A estrutura da formação continuada é alicerçada em seis temas e organizada da seguinte forma:

1. Primeiramente, lançamos questões orientadoras a fim de iniciar a reflexão sobre o tema antes da leitura;
2. Em seguida, apresentamos uma breve discussão acerca das leituras sugeridas. Os artigos e livros propostos são de autores do Grupo Modernidade/Colonialidade e de grandes referências e documentos, que discutem a Educação das Relações Étnico-Raciais e a Educação Física Escolar;
3. Por fim, voltamos a sugerir questões para análise e debates a partir da leitura, bem como as referências.

Dessa maneira, o roteiro formativo poderá ser percorrido da forma mais adequada para o grupo, como, por exemplo: privilegiar o tempo coletivo para debates, ou definir o tempo de leitura coletivamente; definir o tempo e a quantidade dos encontros formativos de acordo com a disponibilidade de planejamento; mesclar as modalidades presencial, híbrida e à distância (EaD) etc. Entretanto, destacamos a potencialidade do debate coletivo presencial e a escola como espaço privilegiado das questões inerentes a ela. Dessa forma, sugere-se que o percurso tenha ao menos dois momentos para cada tema da formação. Além disso, indicamos que cada participante construa um Diário de Bordo, contendo comentários e reflexões acerca de cada um dos temas, a partir de suas questões orientadoras e das leituras e debates.

Desejamos uma caminhada florida para todas e todos!

Como caminhar?

ROTEIRO DE LEITURA

Para realizar a leitura das seções é interessante que você observe as seguintes orientações:

Qual o contexto histórico da discussão?

Quais os conceitos discutidos na seção? Destaque e descreva com suas palavras.

Você já teve contato com algumas dessas discussões? Se sim, quais? Se não, como você avalia essa ausência em sua formação inicial?

Registre tudo em seu diário de bordo!





Há sempre um mundo, apesar de já começado,
há sempre um mundo pra gente fazer
Um mundo não acabado
Um mundo filho nosso, com a nossa cara



Emicida e Elisa Lucinda

1 O GRUPO E A PROPOSTA

Questões orientadoras:

1. O que te trouxe a esta formação, ou a este grupo formativo?
2. O que você pretende alcançar com os encontros formativos?
3. Como iremos conduzir nossos encontros a partir de nossos objetivos?

Compreendemos que o primeiro passo para desenvolver uma experiência formativa é a análise coletiva da sua condução. Por exemplo, como serão organizadas as participações de cada um, prazos, trocas de experiências e avaliação. Por isso, sugerimos que, no primeiro encontro, sejam acordados esses aspectos, a fim de estabelecer colaboração e comprometimento dos envolvidos.





Ibiapina (2016, p. 46) nos traz uma importante sinalização acerca da pesquisa colaborativa, que pode ser utilizada como orientadora desse aspecto: “É necessário esclarecer que o objetivo comum é produzido a partir das relações de partilha, da negociação de sentidos e de significados produzidos no processo de reflexão crítica”.

Portanto, também é interessante destacar em grupo quais são as expectativas dos(as) professores(as) com os encontros formativos e como todos(as) podem colaborar com os objetivos em comum. Neste primeiro encontro, sugerimos, como uma introdução ao percurso formativo, assistir a um vídeo para inspirar a discussão.



Questões para analisar o vídeo:

1. O que é racismo? Comente.
2. Qual a relação da temática com a escola?
3. Você consegue enxergar a questão na Educação Física? Como?

Referências e Sugestões (títulos com *link*, basta clicar para ser direcionado ao vídeo:

Racismo: o crime perfeito. Kabengele Munanga.

Trabalhando relações étnico-raciais na educação. Clélia Rosa.

Relações étnico-raciais e educação. Petronilha em TEDxUFF.

Ser negro no Brasil: a escravidão como elemento civilizatório.



Se me quiseres conhecer
Estuda com olhos de bem ver



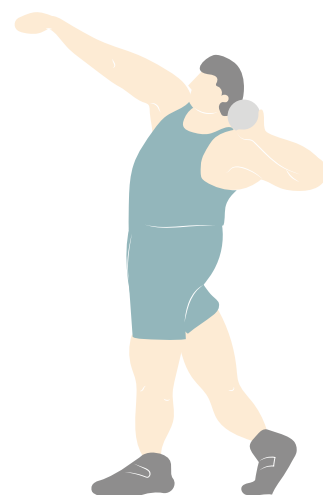
Noémia de Sousa

2 RECORDANDO AS ORIGENS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Questões orientadoras:

1. Quais as origens da Educação Física Escolar?
2. Qual a relação dessa origem com as discussões do encontro anterior?

O segundo tema do percurso formativo parte do princípio da especificidade do componente curricular, no sentido de observar e reconhecer as raízes que corroboram com a atualidade do cotidiano escolar. Como mencionado anteriormente, partimos das contribuições de Carmen Lúcia Soares acerca das origens europeias da Educação Física. Sendo assim, o primeiro tema específico desta proposta é uma revisão dos ideais que a constituíram.





Nesse sentido, tomamos como referência, sobretudo, o capítulo III do mencionado livro. Esse capítulo posiciona o desenvolvimento da Educação Física no Brasil, com base na introdução dos ideais médicos higienistas e eugenistas no Brasil, a partir de 1850. De acordo com a autora,

- Expressão dessa influência pode ser apreendida pelo pensamento pedagógico brasileiro, veiculado por autores representativos desse pensamento, tais como Rui Barbosa e Fernando Azevedo, por meio de publicações, discursos e conferências. Esses autores revelam estreita e orgânica vinculação de seus discursos pedagógicos aos discursos médico-higienistas. Quanto à Educação Física, particularmente a escolar, privilegiam em suas propostas pedagógicas aquela de base anatomofisiológica retirado do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século XIX (Soares, 2012, p. 59).

As contribuições de Soares (2012), especialmente no capítulo III do livro, para este estudo, manifestam-se à medida que vão apontando a formação da Educação Física conjuntamente à formação da herança colonial na educação brasileira e com ela os racismos, que sustentam toda a sociedade.



A pesquisadora aponta também que os pensamentos educacionais à época não abrangiam a todos. Ou melhor dizendo, nem todas as pessoas eram consideradas cidadãs e merecedoras dos ditos “benefícios científicos”, importados para o “melhoramento” da população. Nas palavras de Soares (2012, p. 59) é

- No Brasil colonial que as questões relativas à saúde, à higiene, ao corpo dos indivíduos começam a fazer parte das preocupações das elites dirigentes. E o local de atuação definido pela higiene, naquele momento foi a família da elite. Não interessava ao Estado modificar o padrão familiar dos escravos que deveriam continuar obedecendo ao código punitivo de sempre. [...] Foi, portanto, para viabilizar de modo mais eficaz sua “política familiar” e, através dela, desenvolver “ações pedagógicas” na sociedade que os higienistas se valeram também da chamada ginástica. Com ela julgavam poder responder à necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante, a raça branca, atribuindo-lhe superioridade.



Assim, propomos a leitura dos tópicos 1 e 3 do Capítulo III, para reflexão e debate, a fim de observarmos e debatermos as questões orientadoras.

Referências e sugestões:

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias**. 5. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012. 119 p.

Questões para analisar o texto:

1. Como podemos observar as questões históricas do componente em nossa graduação?
2. De que maneira as questões históricas influenciam nossa prática pedagógica?



A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato
O ontem – o hoje – o agora
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade



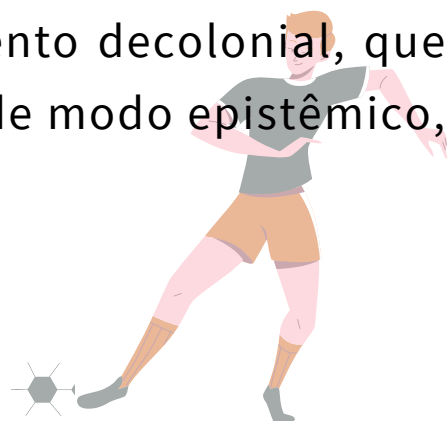
Conceição Evaristo

3 ENXERGANDO PELA ÓTICA LATINO- AMERICANA

Questões orientadoras:

1. O que é uma base epistemológica?
2. Qual a importância das referências teóricas para a nossa prática pedagógica?

O terceiro tema deste percurso formativo traz a contextualização e a apresentação da base epistemológica deste estudo, o Decolonialismo, em especial a partir de pesquisadores do Grupo Modernidade/Colonialidade, em que apoiamos a nossa ótica de análise para pensar a Educação das Relações Étnico-Raciais. Sugerimos o artigo de Luciana Ballestrin (2013), denominado “América Latina e o Giro Decolonial” para a apresentação da referida epistemologia. Em seu texto, a autora apresenta o percurso da construção do pensamento decolonial, que possui dimensões que se exprimem de modo epistêmico, teórico e político.





Luciana Ballestrin (2013) inicia o artigo apontando os principais aspectos históricos que regem, primeiramente, o pós-colonialismo enquanto corrente teórica, bem como a apresentação de precursores e alguns acontecimentos importantes para a consolidação do pensamento. Logo após, a autora apresenta alguns dos principais conceitos da ótica Decolonial, que são fundamentais para o nosso estudo e a perspectiva de análise desta formação, tais como: colonialidade do poder, colonialidade do saber, modernidade, entre outros para serem discutidos em grupo. A partir da leitura do texto, indicamos o debate e a análise dos conceitos, relacionando-os à formação inicial, bem como às experiências pessoais dos participantes acerca das discussões.

Referências e sugestões:

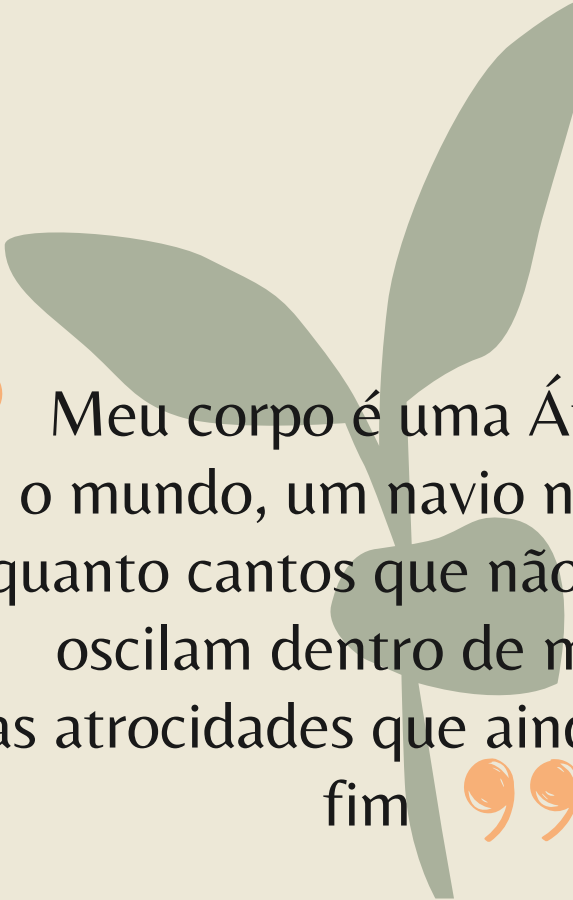
BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117. 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt#>.

Questões para analisar o texto:

1. Onde e como surgiu a escola de pensamento?
2. Quais são os conceitos estruturantes do Decolonialismo?
3. Como podemos observar as colonialidades em nossa formação, vida e trabalho?



“ Meu corpo é uma África
e o mundo, um navio negreiro
Enquanto cantos que não entendo
oscilam dentro de mim,
eu vejo as atrocidades que ainda não tiveram
fim ”

Juliana Costa

4 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS

Questões orientadoras:

1. O que é Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER)?

Nesses encontros, tratamos do terceiro tema desta proposta de formação que é centrado no estudo e na compreensão dos principais conceitos, que estão inseridos no debate em torno da Educação das Relações Étnico-Raciais. Para aproximação com esses conceitos, sugerimos um documento e três textos que trazem reflexões fundamentais para uma formação continuada com esse tema como foco.

O documento são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, elaborado a partir da Lei 10.639, de 2003, do Parecer 03, de 2004, e da Resolução 01, de junho de 2004.





Essas diretrizes explicitam o constante nos artigos da Lei, de modo a expor e a fundamentar efetivas propostas de tornar a questão parte do currículo e do cotidiano escolar, em todos os âmbitos e componentes. Vale destacar que todos essas conquistas legais, que regem a equidade racial no Brasil, foram frutos de anos de lutas e resistências, sobretudo do Movimento Negro e das demais organizações, que tomaram como objetivo de vida construir relações mais justas para todos(as), com base na reparação dos diversos danos causados à população negra – e indígena – ao longo da história do país. . Nessa direção, é importante iniciarmos o tema com esses documentos, pois traz a legitimação da pauta na Educação, para então abordar as questões históricas, teóricas e sensíveis, que compõem a Educação das Relações Étnico-Raciais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana salientam que, ao tratar de políticas afirmativas,

- [...] têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos os cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos;



- com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (Brasil, 2004, p. 10-11).

Nesse sentido, como alicerce do documento, compreende-se o ideal de primeiramente entender as relações desiguais, sobretudo, em detrimento da população negra, para assim colaborar na construção de uma educação brasileira de qualidade e igualdade de condições para todos(as).

Para tanto, é necessário compreender algumas definições importantes em torno da temática. A principal delas é a ideia de raça. Kabengele Munanga é referência central na sua conceituação. No seu texto “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo e etnia” (2004), o autor apresenta discussões cruciais para pesquisas na área, explicitando como os iluministas inventaram a relação do conceito de raça, já presente nas ciências naturais, com a humanidade.



Hoje, já desmistificada biológica e cientificamente, mas que ainda está presente nas ciências sociais para compreender os racismos, advindos dessa equivocada e violenta invenção.

Kabengele Munanga (2004) pontua:

- [...] no fim do século passado e início deste século, o racismo não precisava mais do conceito de raça no sentido biológico para decretar a existência das diferenças insuperáveis entre grupos estereotipados. Além da essencialização somático-biológica, o estudo sobre o racismo hoje deve integrar outros tipos de essencialização histórico-cultural. Embora raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam nossas representações e imaginários coletivos (Munanga, 2004, p. 27).

Dessa maneira, o texto traz explicação fundamental para iniciar o debate em torno da Educação das Relações Étnico-Raciais, por isso o indicamos como a primeira leitura após as Diretrizes.



Outra importantíssima referência para o estudo do tema é Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2007). No seu artigo intitulado “Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil”, entre outros, destaca a questão da trajetória pessoal do(a) docente diante das diversidades e sua percepção de pertencimento étnico-racial, bem como a problematização do perseverante modelo europeu de educação.

Silva (2007, p. 500) denuncia:

- Somos oriundos de uma formação que atribui, aos brancos, aos europeus, a cultura que dizem clássica, pois permanece no tempo, desconhecendo-se culturas dos povos não europeus que também têm permanecido no tempo. Ignoramos, por exemplo, que os egípcios, povo também negro, ou melhor, os conhecimentos que eles produziram, estão no nascedouro da filosofia e das ciências o que se costuma atribuir aos gregos e a outros europeus. Somos levados a confundir cultura com ilustração, civilização com o hemisfério norte, ao lado de outros tantos equívocos.

Portanto, a partir das contribuições da autora, percebemos que, na instituição escolar, as culturas não europeias ainda não ocupam lugar de destaque coerentes com as contribuições intelectuais, culturais e econômicas que, no caso do Brasil, os indígenas e negros proporcionaram ao país.



Na mesma direção, a autora traz a questão da individualidade do(a) professor(a) que por si próprio(a) já vivencia as tensões que acompanham a sociedade multicultural, marcada pelo colonialismo e pelo eurocentrismo. Dessa maneira, partimos do princípio de conhecer e reconhecer as diferenças e as injustiças acometidas às ditas minorias para, então, formar-se e ensinar na direção de uma sociedade mais justa, que para isso necessita ser antirracista.

- O desconhecimento das experiências de ser, viver, pensar e realizar de índios, de descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, faz com que ensinemos como se vivêssemos numa sociedade monocultural. Isto nos torna incapazes de corrigir a ilusão da democracia racial, de vencer determinações de sistema mundo centrado em cosmovisão representativa de uma única raiz étnico-racial. Impede-nos de ter acesso a conhecimentos de diferentes origens étnico-raciais, e ficamos ensinando um elenco de conteúdos tido como o mais perfeito e completo que a humanidade já teria produzido. Tornamo-nos incapazes de perceber as vozes e imagens ausentes dos currículos escolares: empobrecidos, mulheres, afro-descendentes, africanos, indígenas, idosos, homossexuais, deficientes, entre outros (Silva, 2007, p. 501).



Adicionalmente, o artigo “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”, de Nilma Lino Gomes (2005), é uma excelente obra para o processo formativo. Além dos temas raça e etnia, já abordados no texto de Munanga (2004), indicado anteriormente, a autora traz conceitos cruciais para o debate, como identidade, etnocentrismo, preconceito racial, discriminação racial e racismo. O artigo também se destaca pela linguagem acessível e pela colaboração com o entendimento da diferença desses conceitos, que são orientadores da Educação das Relações Étnico-Raciais.

Questões para analisar os textos:

1. Como podemos definir os conceitos desenvolvidos pelos autores?
2. Quais experiências pessoais você consegue relacionar aos conceitos estudados?



Referências e sugestões:

BRASIL. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 jun. 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil:** uma breve discussão. In: Educação Anti-racista: caminhos abertos pela lei federal 10.639/2003. Brasília, 2005, p. 39-61.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: BRANDÃO, André Augusto P. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói, EdUFF, 2004. 15-34.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Educação, Porto Alegre, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.



O amor é uma combinação de cuidado,
compromisso, conhecimento,
responsabilidade, respeito e confiança



Bell Hooks

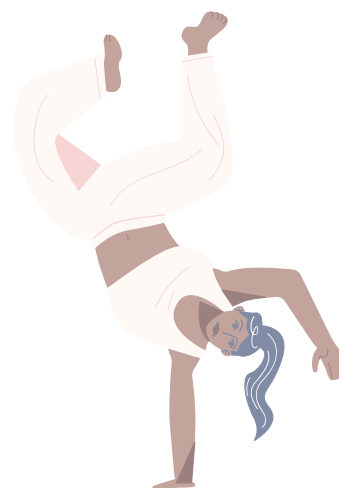
5 SEMEANDO NOVAS RAÍZES

Questões orientadoras:

1. O que é Educação Física Cultural?

O quinto tema da formação trata especificamente da Educação Física e sua interface com as questões inerentes à Educação das Relações Étnico-Raciais. A proposição Educação Física Cultural foi idealizada pelo importante autor da área, referência nacional dos estudos em EF, Marcos Garcia Neira.

O autor, além de trazer um caminho para a construção de um componente mais diverso, apresenta uma compreensão que converge com as proposições de estudiosos da EREER e decoloniais, por dialogar com os estudos culturais e pós-coloniais.





De acordo com Neira (2018, p. 9), a

- [...] perspectiva curricular, denominada “cultural”, a experiência escolar é um campo aberto ao debate, ao encontro de culturas e à confluência de práticas corporais pertencentes aos vários setores sociais. O currículo cultural da Educação Física é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, a interpretação, o questionamento e o diálogo entre e as culturas e a partir delas [...]. O currículo cultural da Educação Física pretende borrar fronteiras, conectar manifestações dispersas e promover a análise e o compartilhamento dos seus significados. Parte do princípio de que se a escola for concebida como ambiente adequado para discussão, vivência, ressignificação e ampliação da cultura corporal, será possível almejar a formação de cidadãos que identifiquem e questionem as relações de poder que historicamente impediram o reconhecimento das diferenças. Afinal, em uma sociedade democrática é importante indagar por que determinados esportes, brincadeiras, danças, lutas ou ginásticas são tidos como adequados ou inadequados.



Portanto, essa proposta parte do princípio da desnaturalização do eurocentrismo como estruturante das práticas pedagógicas em EF Escolar, como a presença quase unânime dos esportes, a não participação ativa do componente nos projetos e ações interdisciplinares da escola. Além disso, abre espaço para o questionamento da supervalorização da competição e da conseqüente “performance” e da comparação entre estudantes, bem como para o afastamento daqueles que não são convencidos ou absorvidos por essa lógica.

Sendo assim, sugerimos três obras do autor, que podem ser orientadoras na análise e compreensão da proposta curricular “Educação Física Cultural”. A primeira delas, o artigo “O Currículo Cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas”, que apresenta a constituição, sobretudo, teórica da proposta curricular.

A segunda, o livro “Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica”, que também dialoga com pressupostos epistemológicos da EF Cultural, apresentando as evidências práticas de experiências de professores(as), que são na íntegra apresentadas na terceira obra, “Educação Física Cultural: o currículo em ação”, que mostra várias possibilidades inovadoras de práticas pedagógicas alinhadas à proposta.



Referências e sugestões:

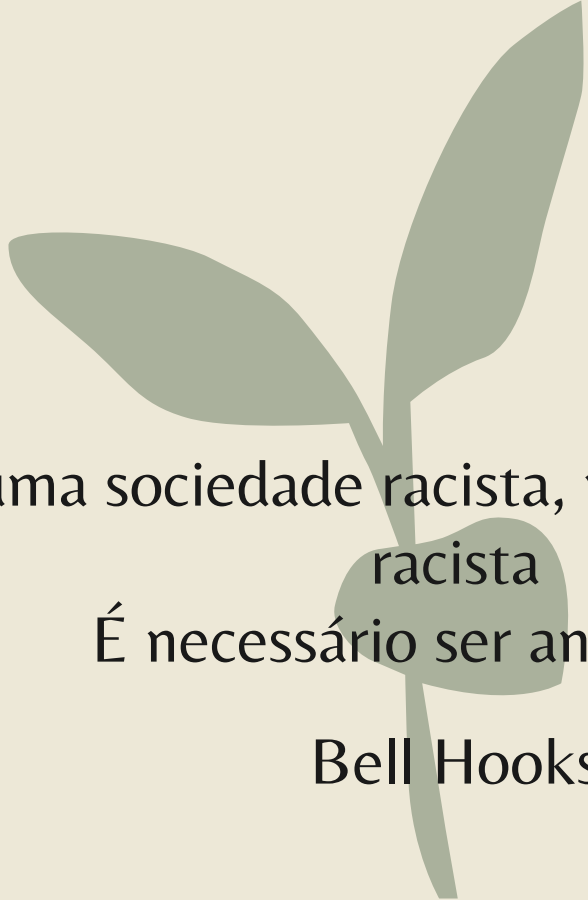
NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2. ed. Jundiaí: Paco, 2019. 116 p.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: o currículo em ação**. São Paulo: Labrador, 2017. 215 p.

NEIRA, Marcos Garcia. **O Currículo Cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas**. Revista e-Curriculum, São Paulo, n.1, v.16, p. 4- 28 jan./mar. 2018.

Questões para analisar os textos:

1. Quais os desafios para construir uma prática pedagógica baseada na Educação Física Cultural com vistas à ERER?



“ Em uma sociedade racista, não basta não ser
racista
É necessário ser antirracista ”
Bell Hooks

6 AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO E AUTOAVALIAÇÃO

Questões orientadoras:

1. Ao ler, refletir e debater nesses encontros formativos, como podemos avaliar os efeitos dessa experiência em nosso trabalho?

A avaliação do processo formativo é importante para compreender tanto a validade da proposta quanto o aproveitamento dos(as) professores(as). Dessa maneira, com base nos debates e nos Diários de Bordo produzidos pelos(as) participantes do percurso, sugerimos a análise e o compartilhamento em grupo, a fim de que possamos conceber a legitimidade e a singularidade do conhecimento docente na produção, reflexão e transformação de seu próprio trabalho e de seu desenvolvimento profissional.





Estrela, Madureira e Leite (1999, p. 31) afirmam:

- [...] o estudo das narrativas dos professores, quer na sua forma oral, quer na escrita, revela-se uma metodologia inovadora na investigação educacional em geral e no domínio da formação contínua em particular. Conhecer e compreender o pensamento, a cultura e as perspectivas dos professores constitui um aspecto relevante na identificação e análise das suas necessidades de formação. [...] a investigação da narrativa constitui uma forma de compreender "por dentro" a cultura do professor, os seus pensamentos, percepções, valores, crenças e experiências. Quando a investigação se centra na análise da narrativa, importa equacionar três conceitos fundamentais: reflexão, natureza do conhecimento e palavra/voz dos docentes.

Portanto, o momento avaliativo do percurso é fundamental para assegurar a legitimidade da formação continuada.



Referências e sugestões:

ESTRELA, Maria Teresa; MADUREIRA, Isabel Pizarro; LEITE, Teresa. **Processos de Identificação de Necessidades**: uma reflexão. Revista da Faculdade de Educação, Lisboa, VIII. n. 1, p. 29-48. 1999.

Questões para análise final:

1. Quais foram os pontos fortes e fracos do curso?
2. O que poderia potencializar a experiência?

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro Decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117. 2013.

BRASIL. Lei nº 10.639, 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no Currículo Oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura e Afro-Brasileira" e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 22 jun. 2004.

ESTRELA, Maria Teresa; MADUREIRA, Isabel Pizarro; LEITE, Teresa. **Processos de Identificação de Necessidades: uma reflexão.** Revista da Faculdade de Educação, Lisboa, VIII. n. 1, p. 29-48. 1999.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** In: Educação Anti-racista: caminhos abertos pela lei federal 10.639/2003. Brasília, 2005, p. 39-61.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Experiências Étnico-Raciais para a Formação de Professores.** 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.



As referências que estão disponíveis na internet possuem *link* de acesso (em azul). Basta clicar e aproveitar a leitura!

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: BRANDÃO, André Augusto P. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói, EdUFF, 2004. 15-34.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica.** 2. ed. Jundiaí: Paco, 2019. 116 p.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: o currículo em ação.** São Paulo: Labrador, 2017. 215 p.

NEIRA, Marcos Garcia. **O Currículo Cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas.** Revista e-Curriculum, São Paulo, n.1, v.16, p. 4- 28 jan./mar. 2018.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Educação, Porto Alegre, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo et al. **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas educativas convergentes.** 1. ed. Teresina: Edufpi, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias.** 5. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2012. 119 p.



As referências que estão disponíveis na internet possuem *link* de acesso (em azul). Basta clicar e aproveitar a leitura!